



**NIA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**14**

# ***A*PONTAMENTOS**

*de Arqueologia e Património*

ABR 2020

ISSN: 2183-0924

# ***A*PONTAMENTOS**

*de Arqueologia e Património*

14

ABRIL

2020

Título: *Apontamentos de Arqueologia e Património*  
Propriedade: *Era-Arqueologia S.A.*  
Editor: *ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação*  
*Arqueológica – NIA*  
Local de Edição: *Lisboa*  
Data de Edição: *Abril de 2020*  
Volume: *14*  
Capa: *Sepultura romana 16 de Bantum*  
*(Foto: José Carvalho)*

Direcção: *António Carlos Valera*

ISSN: 2183-0924

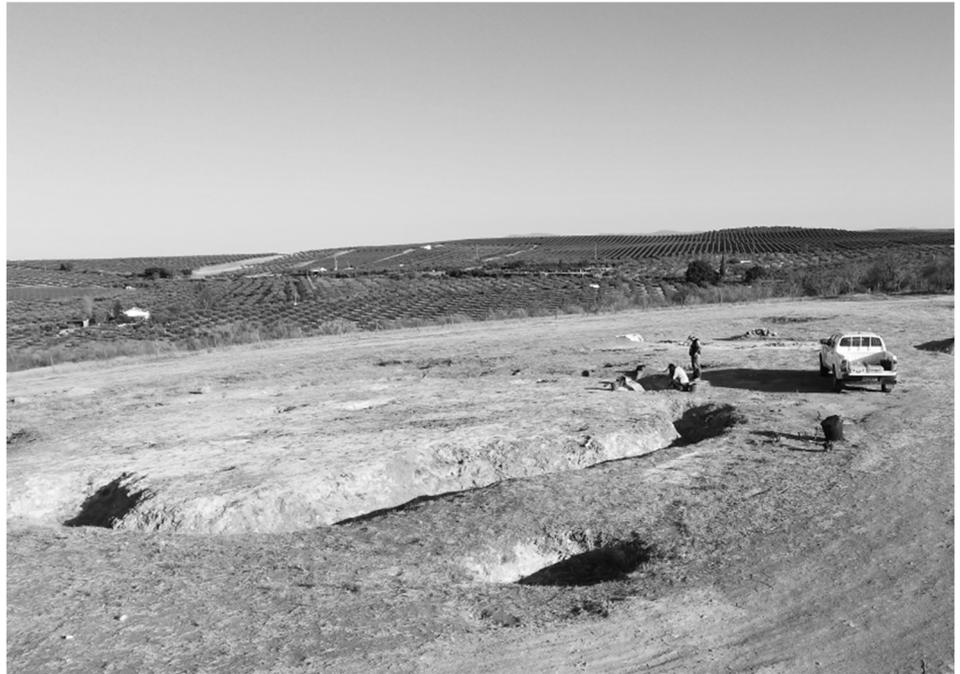
Contactos e envio de originais:  
[antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt)

Revista digital.  
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
Nelson J. Almeida, Ana Catarina Basílio e António Carlos Valera THE FAUNAL RECORD FROM SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): AN INITIAL APPRISAL BASED ON THE REMAINS FROM 2018 AND 2019 EXCAVATIONS. ....	09
António Carlos Valera e Tiago do Pereiro O RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DE BORRALHOS (SERPA): APROXIMAÇÃO À SUA ARQUITECTURA ATRAVÉS DA PROSPECÇÃO GEOFÍSICA. ....	17
Helena Reis, António Carlos Valera, Marta Macedo e Nelson Cabaço A QUINTA VELHA: UMA OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA NA SERRA DE SINTRA. ....	29
António Carlos Valera, Carlo Bottaini e Ana Catarina Basílio A DEPOSIÇÃO DE UMA ALABARDA EM CONTEXTO CAMPANIFORME NA ÁREA CENTRAL DO RECINTO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ). ....	41
José Filipe dos Reis Carvalho AS NECRÓPOLES DE BANTUM E HERDADE DO LAMARIM I (BALEIZÃO, BEJA). RESULTADOS DE DUAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM DOIS ESPAÇOS FUNERÁRIOS DO PERÍODO ROMANO E ANTIGUIDADE TARDIA. ....	49
José Filipe dos Reis Carvalho e Rui Ramos A ÂNFORA ROMANA DRESSSEL 1 (REI RAMIRO, CASTELO DE GAIA): CARACTERÍSTICAS E CONTEXTUALIZAÇÕES. ....	55
Rui Ramos e José Filipe dos Reis Carvalho O SÍTIO DO REI RAMIRO: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS OCUPAÇÕES ANTIGAS NO MONTE DO CASTELO (VILA NOVA DE GAIA) .....	67
Francisco Raimundo e Tiago Gil PALÁCIO DOS FERRAZES (RUA DAS FLORES / RUA DA VITÓRIA, PORTO). SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA. ....	83
Vanessa Rodrigues ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA PARIETAL NA CONSERVAÇÃO E RESTAURO. ....	101



## EDITORIAL

A *Apontamentos de Arqueologia e Património* completa em 2020 treze anos de existência. Se a isto somarmos os oito anos anteriores (e oito volumes publicados) da revista *ERA Arqueologia* e o arranque das séries monográficas (a *ERA Monográfica*, com três volumes editados, e a *Perdigões Monográfica*, com um número publicado e outro no prelo), fica claro o empenhamento e o compromisso que a *ERA Arqueologia* sempre manteve com divulgação do resultado do seu trabalho. Um compromisso feito também de resiliência, porque os tempos nem sempre foram fáceis.

A publicação do décimo quarto número ocorre, novamente, num contexto de dificuldades e de algumas (muitas) incertezas. Contudo, há já algum tempo que ele estava previsto para agora e a sua publicação não assume qualquer particular simbolismo ou declaração relativamente a este tempo que vivemos em Abril de 2020. Revela apenas o continuar resiliente de uma trajectória de direcção única (o que, como Almada Negreiros bem sublinhou, é o oposto de única direcção).

*António Carlos Valera*

# A QUINTA VELHA: UMA OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA NA SERRA DE SINTRA

Helena Reis<sup>2</sup>  
António Carlos Valera<sup>1,2</sup>  
Marta Macedo<sup>1</sup>  
Nelson Cabaço<sup>1</sup>

## Resumo:

O sítio da Quinta Velha, identificado em acompanhamento arqueológico, localiza-se na vertente norte da Serra de Sintra, ocupando uma área de rechã. Os contextos identificados correspondem a uma estrutura de tipo fundo de cabana associada a dois buracos de poste e a um conjunto artefactual composto por pedra lascada, nomeadamente foliáceos ovóides, lâminas retocadas, e um conjunto cerâmico caracterizado pelo domínio de copos canelados e taças / tigelas de bordo e exvertido, que sugerem uma cronologia dentro do Calcolítico Inicial da Estremadura. A proximidade desta estrutura habitacional aos característicos penedos da serra revela uma opção de aproveitamento destes elementos naturais no contexto das estratégias de ocupação em altura da Serra de Sintra.

## Abstract:

### The Quinta Velha: a Chalcolithic occupation in Sintra mountain.

The Quinta Velha site, identified in the context of archaeological impact assessment, is located in the north slope of Sintra Mountain, occupying a flat area. The identified contexts correspond to a base of a hut type structure associated to two post holes and an archaeological assemblage comprising knapped stone tools, namely oval foliaceous, retouched blades and a set of pottery characterized by gouged cups and bowls with overturned rims, that suggest a chronology within the Early Chalcolithic of Estremadura. The proximity of that structure to large granitic rocks characteristic of the mountain shows an option to use these natural features in the context of the strategies of occupation of the high grounds of the Serra de Sintra.

## 1. Introdução

O sítio arqueológico foi identificado no acompanhamento de trabalhos de reconversão de um *chalet* situado na Quinta Velha, no nº 30 da Estrada da Pena, em plena Serra de Sintra. Concretamente, o contexto foi detectado aquando da escavação para a implantação de uma fossa estanque. A identificação conduziu à paragem da obra naquele sector, tendo-se iniciado uma escavação manual da área a afectar pela implantação daquela infraestrutura, a qual se desenrolou até ao topo dos depósitos de alteração do substrato rochoso. Este trabalho foi realizado pela ERA Arqueologia S.A. para a entidade particular, proprietária do edifício e terreno envolvente, e decorreu no mês de Outubro de 2019.

---

<sup>1</sup> Era Arqueologia SA.

<sup>2</sup> ICArEHB – Universidade do Algarve.

## 2. Localização

O sítio da Quinta Velha situa-se na vertente Norte da Serra de Sintra, freguesia e concelho de Sintra, distrito de Lisboa. As suas coordenadas são: 38°47'35.01"N, 9°23'46.68"O, a uma altitude de 297m (Figura 1).

A ocupação operou-se numa área de rechã a meio da vertente de acentuado declive e a estrutura identificada encontrava-se junto a alguns batólitos graníticos que proporcionavam a retenção sedimentar (e a formação de pequenas superfícies mais horizontalizadas) e abrigo (Figuras 2, 3). O substrato geológico é granítico e, na zona intervencionada, era coberto por uma espessa camada arenosa estéril resultado da alteração da rocha de base e de processos de sedimentação coluvionar.

Dada a sua localização, o sítio exhibe uma grande amplitude de visibilidade sobre a paisagem a Norte da Serra de Sintra, apresentando-se totalmente restrita ao local nos restantes quadrantes.

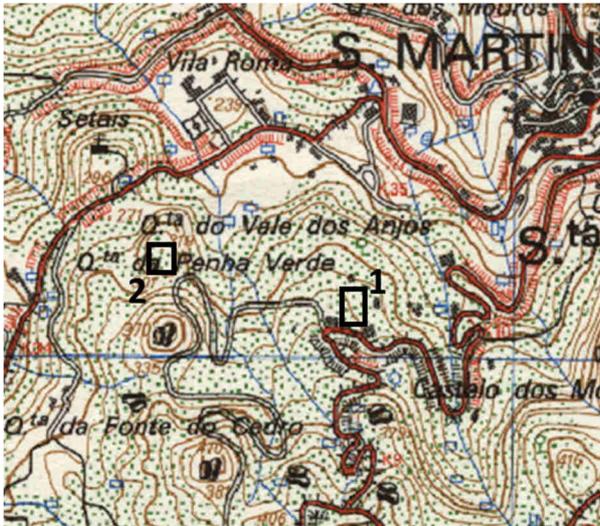


Figura 1 – Localização do sítio da Quinta Velha (1) e a sua proximidade em relação ao sítio da Penha Verde (2) (C.M.P., 1:25000, fl.416).



Figura 2 – Localização da zona onde foi realizada a intervenção no sítio da Quinta Velha na imagem satélite do Google Earth (data da imagem: 2015).

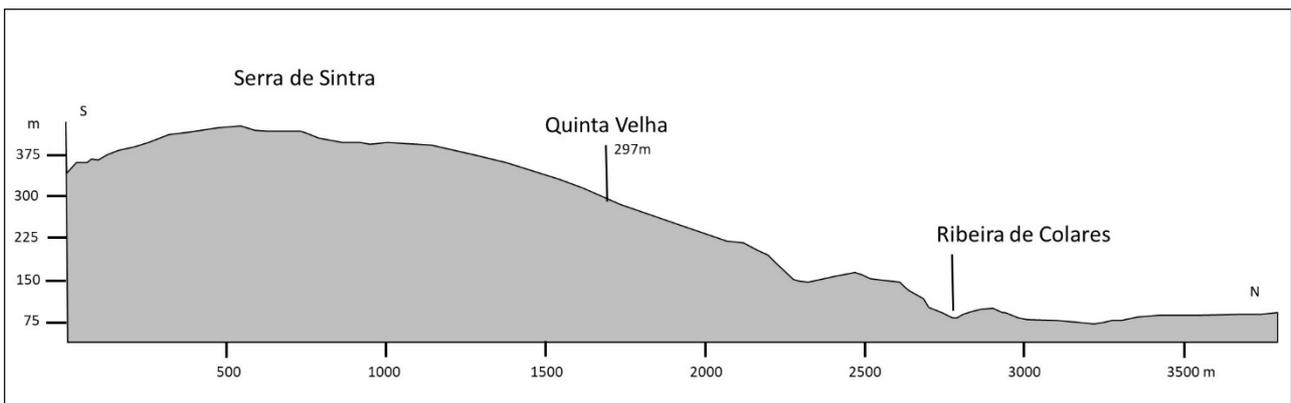


Figura 3 – Perfil topográfico da vertente Norte da Serra de Sintra com a localização do sítio da Quinta Velha.

## 2. Os trabalhos arqueológicos

A área intervencionada correspondeu aproximadamente a um quadrado de 6mx4m, situando-se a mesma numa área de talude que foi cortado para a instalação da infraestrutura. Assim, uma parte desse talude, composto por vários níveis coluvinares (Figura 4), foi removida por meios mecânicos com acompanhamento arqueológico. Foi esse processo de acompanhamento que permitiu a identificação, a uma cota já cerca de 2m abaixo do topo do talude, de alguns fragmentos de cerâmica manual, circunstância que conduziu à suspensão dos trabalhos e à aplicação de medidas de mitigação através de uma escavação manual de toda a área a afectar.

A escavação arqueológica seguiu pressupostos metodológicos avançados por A. Carandini (1997), P. Barker (1989) e R. Harris (1991). Após a identificação de um nível arqueológico preservado procedeu-se à implantação de uma quadrícula de

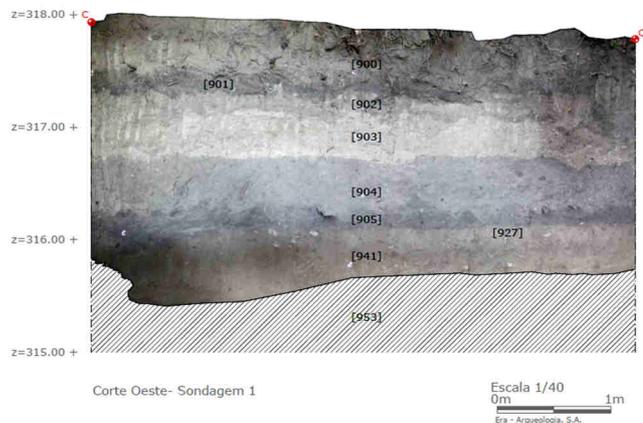


Figura 4 – Níveis coluvionares que compunham o talude e que cobriam o depósito arqueológico preservado.

1m x 1m, nomeadamente, na U.E. [928], [941] e [929], de forma a obter informação espacial relativa aos dados recolhidos em escavação. A escavação destes depósitos foi seguida de uma crivagem de sedimento a seco, e recolha de amostras sedimentológicas dos depósitos [928], [931], [933] e [937].

As estruturas identificadas apresentam características que sugerem contextos de habitat, designadamente, um fundo de cabana tendencialmente circular e dois buracos de poste junto ao limite desta (Figura 5).

A estrutura interpretada como “cabana” foi identificada inicialmente a partir de uma mancha de sedimento acastanhado, com uma abrangência genericamente circular [914], circundada pelos depósitos [927] e [929].

Este depósito [914] cobria um outro [928] que evidenciava uma concentração bastante densa de material arqueológico, principalmente cerâmico, mas também lítico (pedra lascada e fragmentos de blocos de granito). Este depósito [928] foi interpretado como nível de ocupação da estrutura e apresentava uma variedade tipológica ao nível da cerâmica, onde se observaram fragmentos de pratos de bordo espessado, de taças, de copos canelados, de um ídolo de cornos e vários artefactos líticos (machado, foliáceos ovóides em sílex, lâminas retocadas em sílex).

Sob este nível de concentração de material arqueológico foi identificado um outro depósito sedimentar homogéneo [944], de coloração castanha e arenoso, com menor frequência de material arqueológico.

Estes depósitos preenchiam uma estrutura negativa pouco profunda [947] escavada no areão granítico [946], a qual correspondia à base da eventual cabana (Figuras 7, 8). Esta interface negativa apresentava uma planta ovalada, mas com alguma irregularidade, e uma secção em U, com alguma pendente N-S e paredes com ligeira inclinação para o interior (Figura 9).

Em torno aos limites exteriores da “cabana” (e depósito [928]), foram identificados outros depósitos com material arqueológico associado (UEs. 929, 941 e 942), mas em menor quantidade, igualmente interpretados como níveis de ocupação, associados a esta estrutura de habitat. Note-se que, apesar de ter sido identificada a interface negativa desta estrutura, não foi possível observar se estes depósitos com material localizados em torno da [928], foram cortados pela depressão da “cabana”, ou se serão coetâneos da sua ocupação, sendo interpretados como pertencentes a uma mesma fase.

Junto ao limite Este da estrutura de “cabana” foi identificado um buraco de poste [935] (Figuras 6, 9), composto por calços em blocos de calcário branco (rocha exógena à geologia local) e blocos de granito, dispostos vertical e horizontalmente, que preenchiam uma depressão de planta circular colmatada por dois depósitos sedimentares [932] e [933]. Uma outra interface negativa [956] de planta circular, situada a menos de um metro da anterior, foi identificada, podendo corresponder, igualmente, a um buraco de poste. Estas estruturas, poderão definir uma entrada da estrutura de habitat, orientada a Este.

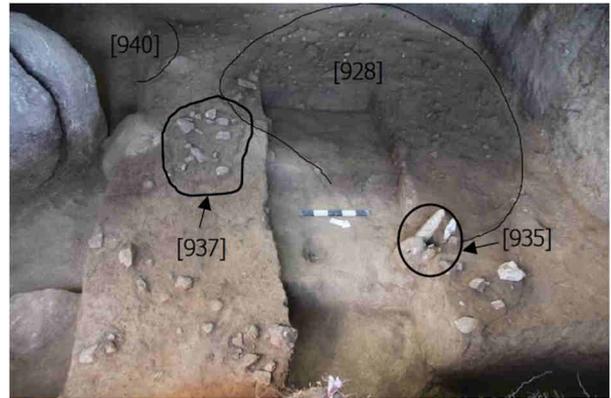


Figura 5 – Aspecto do depósito [928] que preenchia o interior da estrutura de cabana e estruturas associadas.



Figura 6 – Aspecto do buraco de poste [935] com calços de calcário verticalizados.



Figura 7 – Aspecto da base da “cabana” e do aglomerado pétreo [948].

Junto ao limite Oeste da “cabana” foi identificada uma concentração pétreo de pequenos blocos de granito [948], que aparentava seguir o contorno exterior da “cabana” (Figura 7). Sobre este elemento, podemos colocar a hipótese de se tratar da base de uma parede da cabana, ou algum tipo de estrutura de contenção da mesma, ainda que não se encontre conservado na totalidade dos limites exteriores.

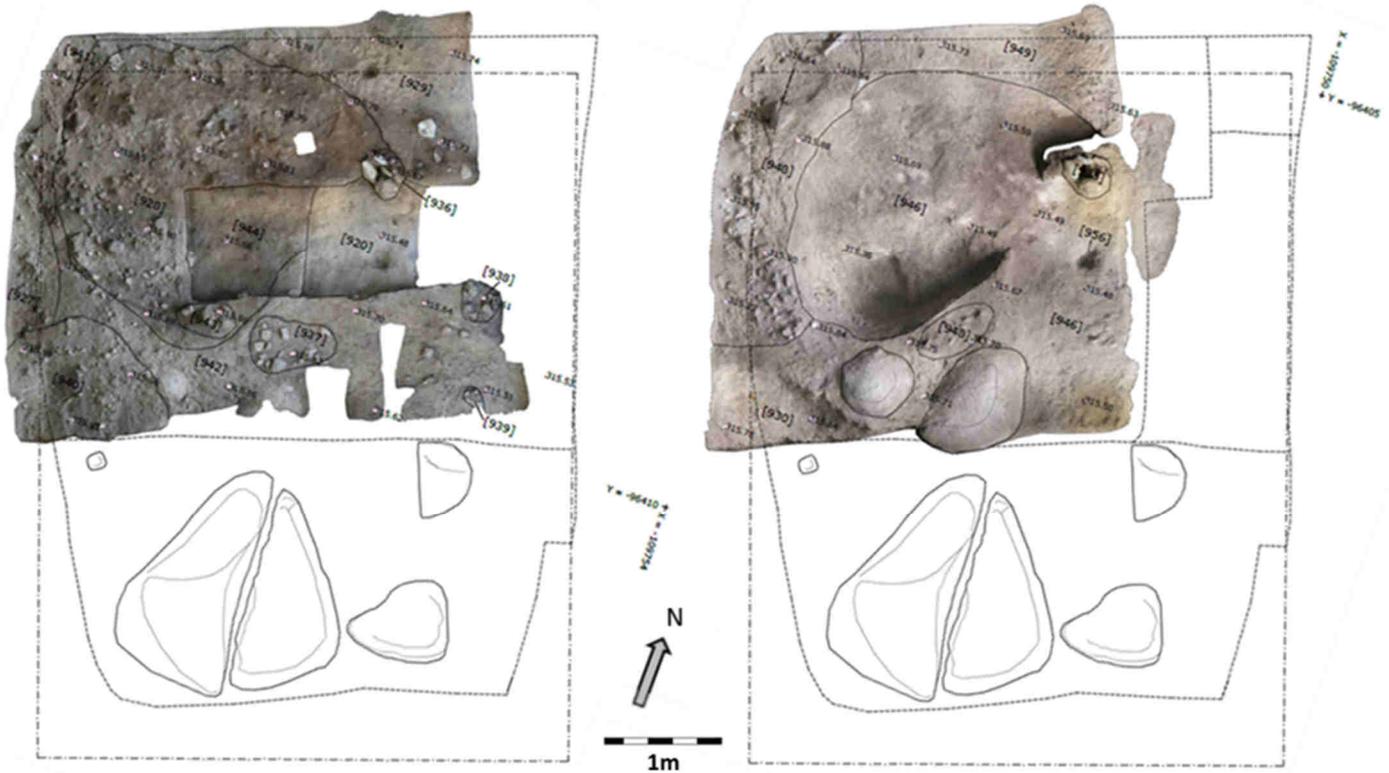


Figura 8 – Ortofotografias sobre plano: enchimento [928] da estrutura de “cabana” (esquerda) e base em negativo dessa mesma estrutura (direita).

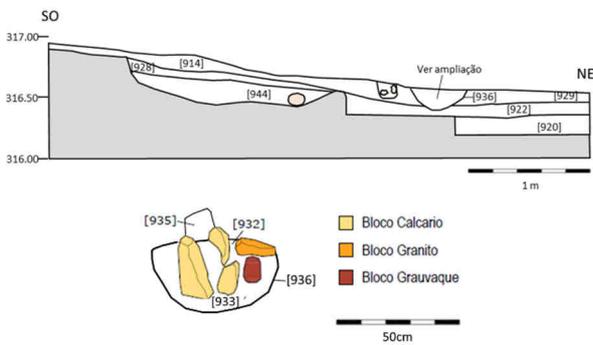


Figura 9 – Perfil dos níveis preservados, estrutura da “cabana” e depósitos estéreis subjacentes.

Na área que interpretamos como exterior, observaram-se alguns aglomerados pétreos e blocos de granitos, cuja escavação não permitiu aferir informação em termos de funcionalidade, designadamente as UEs [937], [938],[943], [935], [939].

Nesta área, junto a grande um penedo granítico, identificou-se uma interface negativa, preenchida por um depósito acastanhado [940], de secção relativamente côncava, afectada durante o acompanhamento, sem funcionalidade atribuída. À semelhança deste, foi também observado o depósito [954] que preenchia uma estrutura negativa [955], de características semelhantes, e sem funcionalidade atribuída.

Estes contextos assentavam sobre depósitos de areão granítico [920], estéreis em termos arqueológicos.

### 3. Os conjuntos artefactuais

O material arqueológico recuperado consiste principalmente em material cerâmico e material lítico, sobretudo talhado, proveniente essencialmente da [928]. Não foram recuperados restos faunísticos, o que poderá dever-se às características dos solos graníticos ou à natureza/funcionalidade deste sítio.

#### 3.1 O material cerâmico

A cerâmica é quase que exclusivamente constituída pela categoria de fragmentos de recipientes cerâmicos. Para além destes, apenas se registaram alguns fragmentos de “ídolos de cornos”.

O número de fragmentos cerâmicos (2630 – Tabela 1) é elevado, sobretudo se considerarmos que a grande maioria foi registada na [928] e contextos envolventes, abrangendo uma área de cerca de 9m<sup>2</sup>. O índice de fragmentação é elevado (11gr por fragmento em média) e dentro do número global apenas 314 correspondem a bordos. Destes, 250 permitiram classificação formal (Tabela 1).

As formas são dominadas pelas taças e pelos pratos. As taças, claramente maioritárias, representam 76,4% das formas classificadas. São predominantemente abertas de bordo

exvertido/espessado externamente (55,2%), seguindo-se as de bordo simples (14,8%) e, mais residualmente, de bordo espessado internamente, bordo bi-espessado, fechadas de bordo simples ou espessado (Tabela 1). O segundo tipo mais representado é o dos pratos, sobretudo de bordo espessado internamente (12%), tendo os de bordo simples, espessado externamente e bi-espessado uma baixa expressão.

Tabela 1 – Contabilização dos fragmentos cerâmicos.

Categorias	Unidades	Peso Kg	Dec.	% Dec
Total de Fragmentos	2630	28,360	49	1,9
Bordos	314	6,526	25	8,0
Bojos	2305	21,511	22	1,0
Bases carenadas	9	0,323	2	22,2
Bordos Inclassificáveis (BI)	64	0,464	5	7,8
Bordos Classificáveis (BC)	250	6,062	20	8,0
Morfologias	Unidades	%	Dec.	% Dec
Prato de bordo simples	6	2,4	0	0
Prato de bordo espessado internamente	30	12	0	0
Prato de bordo espessado externamente	2	0,8	0	0
Prato de bordo bi-espessado	3	1,2	0	0
<b>Total de pratos</b>	<b>41</b>	<b>16,4</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
Taça de bordo simples	37	14,8	12	4,8
Taça de bordo exvertido/espessado externamente	138	55,2	0	0
Taça de bordo espessado internamente	7	2,8	0	0
Taça de bordo bi-espessado	3	1,2	0	0
Taça fechadas	4	1,6	1	0,4
Taça fechadas de bordo espessado	2	0,8	0	0
<b>Total de taças</b>	<b>191</b>	<b>76,4</b>	<b>13</b>	<b>5,2</b>
Tigelas de bordo espessado	2	0,8	0	0
Esférico	4	1,6	0	0
Globulares de bordo espessado	3	1,2	1	0,4
Recipiente tipo Saco	3	1,2	0	0
Copo	6	2,4	6	2,4
Bases carenadas de copos	9		2	

Os restantes tipos identificados têm uma representatividade residual: esféricos (1,6%), globulares de bordo espessado (1,2%), tipo saco (1,2%), tigelas de bordo espessado (0,8%) e copos (2,4%). Aos bordos de copos, contudo, somam-se 9 fragmentos de bases.

A decoração ocorre num total de 49 fragmentos, correspondendo a 1,9% do total de fragmentos). Relativamente ao universo dos fragmentos classificados morfologicamente, o valor sobe para 8%. Em termos formais, a decoração está essencialmente presente nas taças de bordo simples (12%) e nos copos (6%), ocorrendo ainda dois fragmentos de recipientes globulares e uma taça fechada que se encontram decorados.

Quanto aos motivos e organizações decorativas, elas correspondem exclusivamente aos padrões bem conhecidos da tradicional cerâmica canelada da Estremadura, compostas por uma ou mais caneluras (bem marcadas ou simplesmente brunidas) horizontais abaixo do bordo e, no caso dos copos, igualmente a bandas de caneluras acima da linha da ligeira carena que marca o início das bases. Em dois casos de copos (um com o perfil completo e outro um fragmento de bordo), o espaço abaixo à banda de caneluras do topo encontra-se decorado com grinaldas feitas com caneluras curvas que sucessivamente se envolvem (Figura 10; Figura 11: 92). Num terceiro caso, um fragmento de base de copo, observa-se uma métopa, delimitada por uma canelura vertical e preenchida por caneluras diagonais (Figura 11: 44).

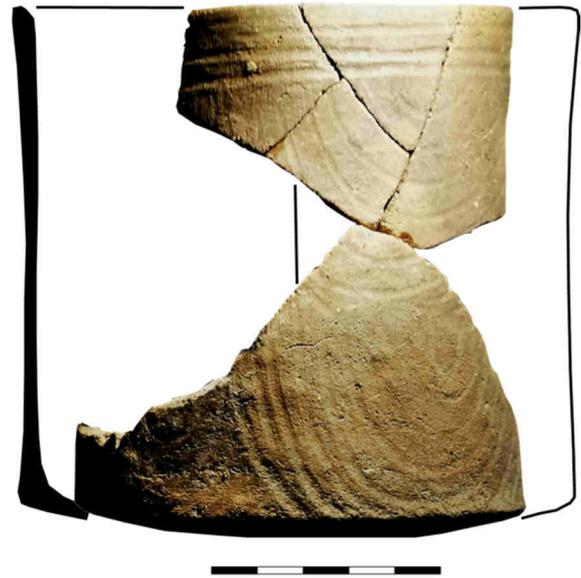


Figura 10 – Copo com decoração canelada e grinaldas.

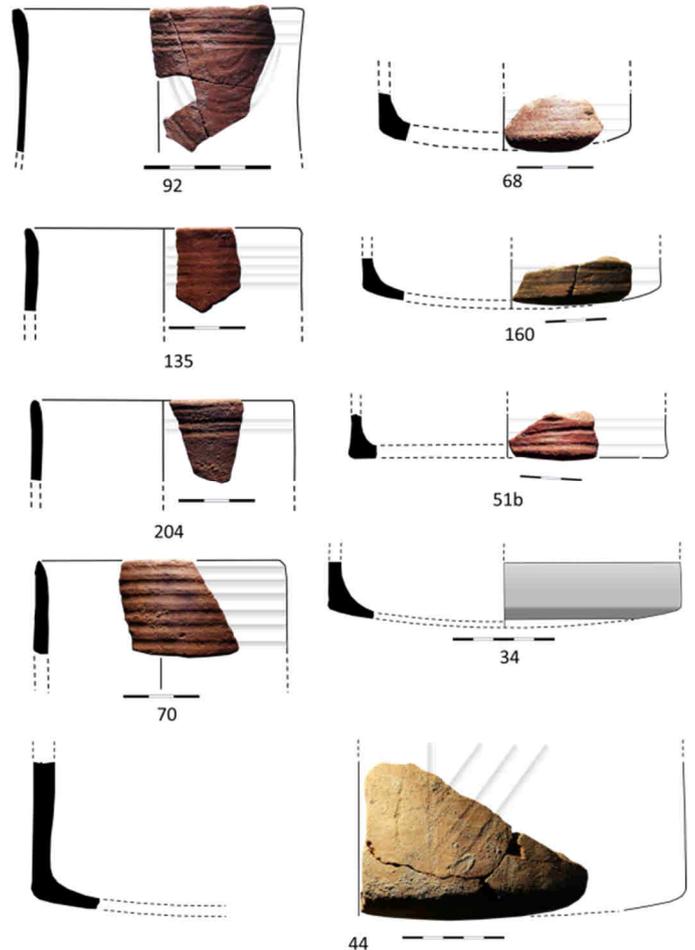


Figura 11 – Fragmentos de bordo e de bases de copos com decoração canelada. O número 92 apresenta igualmente grinaldas.

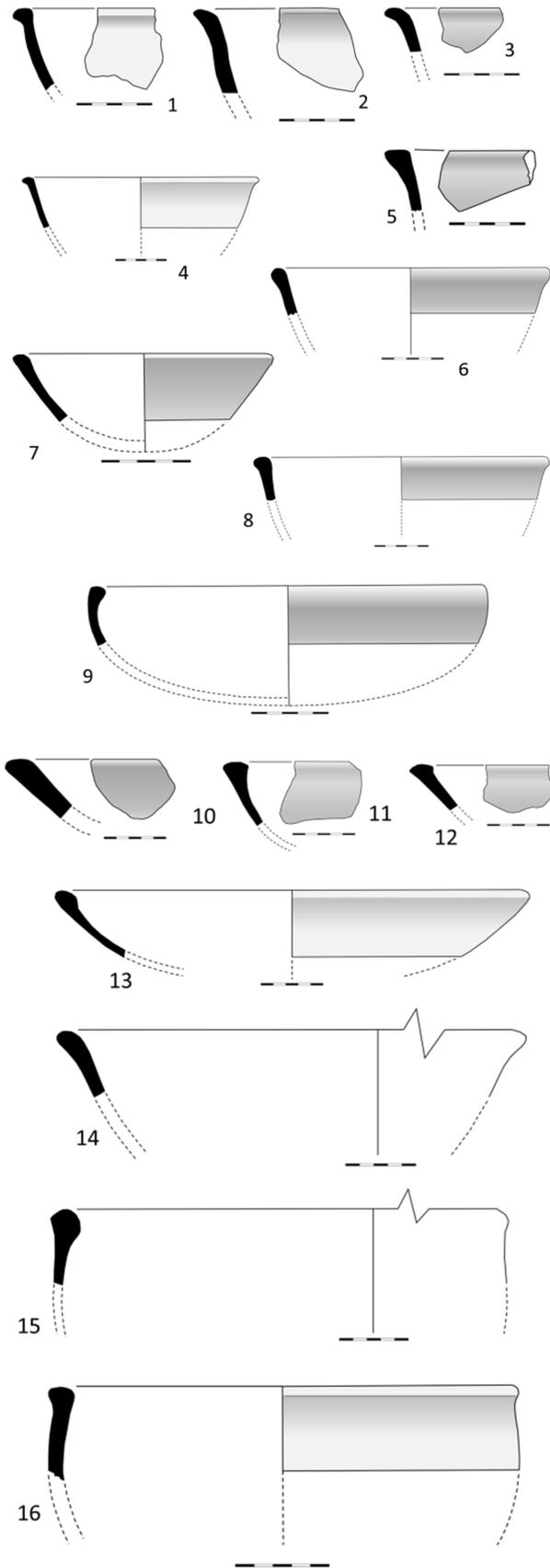


Figura 12 – Outras formas cerâmicas: taças de bordo exvertido/espessado, pratos e tigela de bordo espessado.



Figura 13 – Fragmentos de base e topo de “íolos de cornos”.

Relativamente às pastas dos recipientes decorados, verifica-se que apenas alguns, mas não todos, copos canelados apresentam uma pasta cuidada e acabamento brunido. Noutros casos, as pastas e acabamentos são semelhantes aos das taças caneladas e que não se distinguem particularmente, numa análise macroscópica, de muita da restante cerâmica. Entre esta, contudo, existem outros tipos de pastas, nomeadamente com recurso a elementos não plásticos maiores (que em muitos dos casos se perderam deixando superfícies cheias de pequenos espaços ociosos).

Finalmente, ainda em cerâmica, foram recolhidos vários fragmentos de base e da parte do topo de pelo menos um “ídolo de cornos” (Figura 13),

### 3.2 – A indústria lítica talhada

A metodologia utilizada na análise da pedra lascada seguiu os critérios propostos por Tixier *et al.* 1980; Zilhão 1997; Carvalho 1998; 2008; Inizan *et al.* 1999; Diniz 2007. Para o caso particular das peças foliáceas foram adoptados os critérios propostos por Forenbaher (1999) para avaliação da forma, secção e retoque.

O conjunto lítico recuperado durante a escavação é constituído por 166 elementos em pedra (Tabela 2). Desses, 133 correspondem à categoria de pedra lascada, tendo sido registado um elemento em material conquífero/calcário e 32 fragmentos não talhados, tais como alguns elementos em quartzo, minério e xisto, 6 seixos e 1 cristal de quartzo proveniente de um depósito estéril.

Para a análise realizada foi tida em conta a totalidade do material arqueológico recuperada na sondagem. Apenas uma pequena minoria destes materiais (N=13) era proveniente de contextos remobilizados [904] / [905], [910], [913], [915], [924]. A análise da proveniência estratigráfica revela uma predominância de material em pedra lascada na [928] (N=37), [914] (N=26), [929] (N=11) e [941] (N=11), com uma concentração na área ocupada pelos Q1, Q6, Q7, Q8 e Q11 (Figura 13).

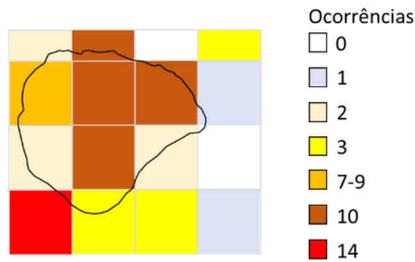


Figura 13 – Distribuição de densidades de materiais líticos na área da estrutura de “cabana”.

Tabela 2 – Distribuição das categorias tecnológicas por matéria-prima.

Categoria tecnológica	Ind.	Outro	Quartzito	Quartzo	Q. Hialino	Sílex	Total
Seixo testado				1			1
Núcleo		1		1	1	3	6
Flanco						4	4
Material de preparação e reavivamento							
Tablette						2	2
Material residual							
Restos de talhe	1	1	2	1	1	27	33
Produtos debitados							
Indeterminado						2	2
Lamela						3	3
Lâmina			1			1	2
Lasca						27	27
Utensílios							
Com retoque no bordo		1				12	13
Entalhe						1	1
Foliáceo ovóide						6	6
Furador						2	2
Traços de utilização			1			28	29
Raspadeira						1	1
<b>Total Geral</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>119</b>	<b>132</b>

A matéria-prima predominante é o sílex, de diferentes características, nomeadamente ao nível das composições macroscópicas e diferentes colorações (tons acastanhados, acinzentados, cremes e rosados). As restantes matérias-primas englobam o quartzito, quartzo, quartzo hialino, calcário e indeterminados. A disponibilidade geográfica do sílex e calcários, encontra-se presente na área da península de Lisboa em diversos pontos, nomeadamente na região de Sintra, não sendo de momento possível precisar a sua origem.

A distribuição da presença de córtex por categoria tecnológica revela um predomínio das peças sem córtex em todas as categorias (n=120), tendo-se verificado apenas oito casos de córtex vestigial (sendo que quatro se encontravam em utensílios), um semi-cortical e um cortical. Relativamente à distribuição de córtex pelas matérias-primas verificou-se que são todos sobre sílex à excepção de um exemplar em quartzo. No caso do sílex, este consiste maioritariamente em córtex de alteração e espesso.

Encontra-se atestada a presença de talhe na área, principalmente de sílex. No entanto, refira-se que a baixa incidência

de córtex revela que as primeiras fases de talhe, tal como a descorticação, poderão ter ocorrido noutra local.

O tratamento térmico foi observado em 19 casos (14.39% do total de peças) (três dos quais registados sobre foliáceos ovóides) e a presença de crazing registada em quatro casos.

Tabela 3 – Distribuição do tratamento térmico por categoria tecnológica.

Categoria tecnológica	Crazing	Tratamento térmico	Total
Flanco		1	1
Material residual	1	1	2
Núcleo	1		1
Produto debitado	2	8	10
Utensílio		9	9
<b>Total Geral</b>	<b>4</b>	<b>19</b>	<b>23</b>

Foram identificados seis núcleos (4.55% do total geral), quatro flancos (3.03% do total geral) e um seixo testado em quartzo (0.76% do total geral). Encontram-se inteiros, sem vestígios de córtex, unipolares e informes, com evidências de extracções de lascas, com grau de utilização intensivo.

O material residual é composto por restos de talhe (n=33), principalmente em sílex, mas também em quartzito, quartzo e quartzo hialino, sobretudo provenientes da U.E. [928].

Relativamente ao material de preparação e reavivamento (1.51% do total geral), registou-se a presença de duas tablettes em sílex.

O grupo de produtos debitados (25.75% do total geral) é constituído principalmente por lascas (n=27), lamelas (n=3) e lâminas (n=2). As lascas, realizadas maioritariamente sobre sílex, apresentam comprimentos médios de 23.26mm, largura 22.68 mm e espessura 8.94 mm, talões maioritariamente facetados (n=20), bolbos difusos (n=24), bordos, irregulares (n=7), outras secções (=22) e triangulares (n=16) e perfis direitos (n=3). As lâminas (em bruto e utensílios), realizadas maioritariamente sobre sílex, apresentam talões maioritariamente facetados (n=3), bolbos difusos (n=3), secções triangulares (n=4).

No total foram recuperados 52 utensílios (39.39% do total geral): 29 peças com traços de utilização (observados macroscopicamente), 13 peças com bordos retocados, seis foliáceos ovóides, dois furadores, uma raspadeira e um entalhe, sobretudo em sílex. Os utensílios com bordos retocados são realizados sobretudo sobre lascas (mas também sobre lâminas e fragmentos indeterminados), apresentando retoques curtos, directos, semi-abruptos e com delineações, localizações e repartições variadas. Por outro lado, também se observou a presença de lâminas retocadas, de onde podemos destacar um exemplar de grande lâmina retocada em calcário fracturada (larg. 32.75mm, esp. 15,52mm), que apresentava um retoque longo, bifacial, regular e rasante.

Os foliáceos ovóides são de artefactos retocados que englobam “uma grande variedade formal e dimensional” (Forenbaher 1999: 81). São geralmente conformadas por retoques bifaciais invasores, com extremidades pouco apontadas. São peças geralmente espessas, com secções assimétricas, próximas do plano-convexo, e formas ovais e sub-rectangulares, com comprimentos situados entre os 4-8cm e larguras entre os 2,5-4cm (*Idem*: 81). A sua produção iniciar-se-á com a obtenção de produtos de morfologia oval e triangular, sendo posteriormente utilizada a técnica de pressão para realização de retoques invasores ou cobridores. O recurso ao tratamento térmico e polimento das suas superfícies será também parte desta cadeia de produção (Forenbaher 1999: 81-82; Carvalho 1995-1996: 46 apud Cabanilles1990; Zilhão 1994). Na literatura têm vindo a ser designadas como “foicinhas”, “facas ovóides”, “lâminas ovóides” ou “lâminas de foice”. Neste trabalho utilizamos o termo foliáceos ovóides (Sousa 2010: 183-191) por representar uma maior neutralidade face à funcionalidade destes objectos, ainda não totalmente estabelecida, e face à sua tecnologia produtiva (nem todas são realizadas sobre suportes laminares) (Forenbaher 1999: 81-82; Carvalho 1995-1996: 46).

A sua funcionalidade encontra-se ainda em debate, havendo autores que as afastam de práticas relativas à agricultura cerealífera, podendo esta estar relacionada com o corte e raspagem (Forenbaher 1999: 82, apud Serrão, Vicente 1980: 37-44). Um estudo mais recente sobre peças provenientes de um contexto alentejano, revelam actividades relacionadas com o corte de materiais macios, como a pele seca, sem evidências de processamentos de cereais (Nukushina *et al.*, 2014: 129). Por outro lado, a sua relação com práticas de agricultura cerealífera (colheita e corte de cereais ou plantas não lenhosas) foram documentadas no povoado de Chibanes (Clemente *et al.* 2014: 334-339).

Tabela 4 – Tipologias de secções em função das formas.

Secção/Forma	Marcadamente plano-convexa	Plano-Convexa	Total
Sub-rectangular	2		2
Oval	1	2	3
Indeterminada	1		1
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>6</b>

Tabela 5 – Distribuição dos retoques em função das formas.

Retoque/Forma	Sub-rectangular	Oval	Indet.	Total
Unifacial cobridor			1	1
Parcial bifacial	1			1
Bifacial cobridor/parcial	1	2		3
Cobridor bifacial		1		1
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>6</b>

No presente conjunto registaram-se seis foliáceos ovóides em sílex, sendo que a sua distribuição formal, segundo Forenbaher (1999) é a seguinte: 8. oval (n=3), 7. sub-rectangular (n=2) e indeterminado (n=1). Quatro exemplares são realizados sobre lasca, um sobre lâmina e outro sobre fragmento não

identificado. As secções são marcadamente plano-convexas (n=4). Na produção destes elementos encontrar-se presente o tratamento térmico, identificado em três exemplares.

A análise dos retoques revelou que estes apresentam variabilidade conforme a peça. Relativamente à sua distribuição e extensão, os exemplares sub-rectangulares apresentavam retoques bifaciais parciais e bifaciais cobridores/parciais. Por outro lado, as peças ovais apresentavam retoques bifaciais cobridores/parciais e bifaciais cobridores. Por fim, o exemplar de forma indeterminada apresentou um retoque unifacial cobridor. Todos os retoques apresentam morfologias escalonadas, de inclinação rasante.

A medição das dimensões foi realizada sobre todos os suportes. No entanto, refira-se que todos os exemplares se apresentam fracturados, pelo que o comprimento medido se refere ao conservado. Para os exemplares de formas sub-rectangulares foram registados comprimentos entre 21,53 mm e 34,37mm, larguras entre 22,98mm e 24,03mm e espessuras entre 3,77mm e 3,82mm. Para os exemplares ovais registaram-se comprimentos entre 27,52mm e 51,21 mm, larguras entre 25,57mm e 34,51mm e espessuras entre 5,53mm e 13,65mm.

A distribuição geográfica deste tipo de artefactos centra-se sobretudo na zona Centro-Oeste portuguesa, sendo bastante comuns nos povoados calcolíticos da Estremadura e raramente em contextos funerários (Forenbaher 1999: 81 apud Cardoso1980: 293). Encontra-se registada a sua presença desde o Neolítico Final em sítios como o Penedo do Lexim (Sousa 2010: 183-191) ou Leceia (Cardoso, Martins 2013: 439-442), com aumento da representação no Calcólítico Inicial e prolongando-se durante o Calcólítico Pleno e Final, com presença em várias dezenas de sítios

### 3.3 – Indústria lítica polida

A pedra polida está representada apenas por um machado em anfibolito (comp.89.57 X larg. 68.65mm X esp. 39.82mm), com evidências de uso no gume.



Figura 14 – Machado de anfibolito com marcas de uso.

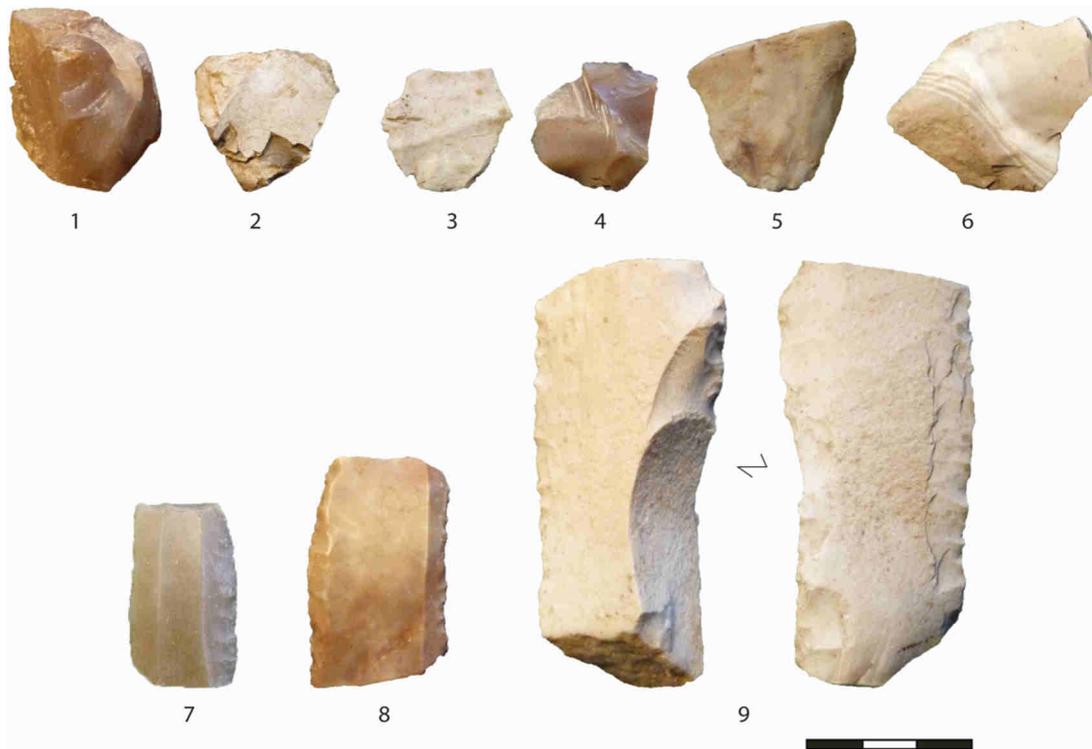


Figura 15 – Pedra lascada: 1-flanco, 2-núcleo, 3-6-lascas, 7-9- lâminas retocadas.



Figura 16 – Pedra lascada: Foliáceos ovóides em sílex..

#### 4. Cronologia

Na intervenção realizada não se recolheu material orgânico passível de ser datado por radiocarbono. Esta ausência, nomeadamente de restos faunísticos, poderá ficar a dever-se a factores tafonómicos, nomeadamente à natureza ácida dos solos graníticos locais. Poderá, contudo, estar igualmente relacionada com a natureza/duração da ocupação, o que explicaria porque este tipo de materiais ocorre no sítio da Penha Verde situado sobre o mesmo substrato e a escassas centenas de metros. Esta ausência obriga a uma atribuição cronológica baseada exclusivamente na componente artefactual, particularmente nas cerâmicas e, dentro desta categoria, é a presença de copos canelados e de taças igualmente com decoração canela que ganha particular relevo como indicador cronológico.

Genericamente, é a partir dos anos 70 do século passado que os copos e taças caneladas foram sendo considerados como um elemento identificador do início do Calcolítico nas penínsulas de Lisboa e Setúbal (Savory 1970; Gonçalves 1971; Soares, Silva 1975; Kunst 1996; Cardoso 2006; Ferreira 2003). Surgindo no início desse milénio, a sua produção e uso prolonga-se ao longo do 3º milénio a.C., como se documenta, por exemplo, na sequência do Zambujal (Kunst 1996) ou no Outeiro Redondo (Cardoso, Martins 2018), e a sua tecnologia de fabrico não difere substancialmente de outras cerâmicas como as campaniformes (Amaro 2010/11), mas de uma forma geral vai decrescendo e sendo progressivamente suplantada pelas decorações em folha de acácia e campaniformes. Simultaneamente, por esses momentos a forma copos começa a receber decorações com outras técnicas e motivos, como as métopas com impressão a pente em zig-zag, associadas ou não a incisões penteadas (Gonçalves 1991; Cardoso 1995; Amaro 2008/9). Nesse primeiro momento, porém, a cerâmica canelada tende a surgir como organização decorativa quase exclusiva e essencialmente associada a duas formas: o copo e a taça.

Não são muitos, contudo, os contextos fechados bem interencionados em que esta decoração é exclusiva, como acontece agora na Quinta Velha, claramente separada das prévias cerâmicas carenadas e de bordos denteados e das posteriores decorações folha de acácia, espinhadas, penteadas, etc.. Talvez o sítio que melhor se aproxima neste aspecto seja o Alto do Dafundo (Gonçalves, Serrão 1978), onde os copos com decoração canelada parecem ser exclusivos entre as cerâmicas decoradas e as taças de bordo exvertido estão igualmente bem representadas. Talvez a isso não seja alheio facto de se tratar de sítios que indiciam curtas ocupações e uma complexidade estratigráfica reduzida, onde não existe a possibilidade de contaminações (ocorressem elas na Pré-História ou durante os processos de escavação).

Neste sentido, não deixa de ser interessante a proximidade do contexto da Quinta Velha relativamente ao sítio da Penha Verde, situado a escassos 400m a Noroeste (Figura 1). Aí estão presentes os recipientes globulares com caneluras junto ao bordo e bandas preenchidas com xadrez, bandas de espinhados ou bandas de losangos igualmente preenchidos a reticulados, bandas de triângulos ou de impressões folha de

acácia”, as quais surgem em associação com cerâmicas campaniformes, mas onde não se registam copos canelados (Cardoso 2010/11). A ocupação calcolítica da Penha Verde foi realizada através de seis datações que abrangem diferentes contextos, revelando ocorrer em meados / segunda metade do 3º milénio AC (*Idem*).

Poderemos, pois, considerar que, localmente, a Penha Verde corresponde a um momento *terminus ante quem* para a ocupação da Quinta Velha, que assim se localizaria na primeira metade do 3º milénio a.C. numa cronologia anterior a 2600 AC, eventualmente dentro do primeiro quartel. Nesse sentido irá também a cronologia obtida para os níveis de ocupação do *Locus 3b* do Penedo Lexim, em que os copos e as taças caneladas se revelam abundantes, e que estão datados de 2890-2620 e 2860-2490 AC (Sousa 2010:260). Estas cronologias são coincidentes com o espectro cronológico obtido para a C3 de Leceia (Soares, Cardoso 1995) e primeiras fases de fortificação do Zambujal (Kunst 2010/11), onde os copos e taças caneladas são comuns.

Uma cronologia entre 3000 e 2600 AC possibilita igualmente considerar a primeira datação obtida para a câmara ocidental da Praia das Maças. Ainda que duas datações posteriores vissem a demonstrar que aquela câmara foi construída e utilizada na segunda metade do 4º milénio AC (Cardoso, Soares 1995), aquela primeira datação revelou-se mais recente, que quando calibrada cobre precisamente o intervalo entre 3020-2630 AC (*Idem*). Savory (1985:124) intuiu que esta amostra datada recolhida na câmara ocidental poderia resultar de uma perturbação durante a construção / utilização do *tholos* que lhe foi anexado, e no qual uma utilização com a presença de copos e taças caneladas está atestada e diferenciada dos contextos do Neolítico Final (Leisner, Zbyszewski, Ferreira 1969; Gonçalves 1982/83). O mesmo se poderia dizer das datações da C3 de Olelas caracterizada pela presença de copos canelados (Gonçalves 1997), as quais, apesar dos largos intervalos proporcionados pelos desvios padrão, recobrem este período.

O contexto da Quinta Velha será, assim, um estabelecimento atribuível às comunidades que, no primeiro/inícios do segundo quartel do 3º milénio AC, ocuparam e circularam nos territórios da periferia da Serra de Sintra, nomeadamente na sua parte setentrional.

#### 5. Notas sobre a natureza do contexto

Relativamente à natureza do contexto identificado, e apesar da reduzida área escavada, os dados arqueológicos disponíveis apontam para uma ocupação de natureza residencial. Se essa ocupação é de natureza temporária, eventualmente sazonal, no âmbito da exploração dos recursos da Serra ou relacionada com aspectos da sua vivência no âmbito do sagrado, ou é parte de uma estratégia de ocupação mais permanente, não é de momento possível ser afirmativo.

O facto de as estruturas identificadas serem de construção expedita, de não se verificarem certas categorias artefactuais como elementos de moagem, pesos de tear, utensilagem em osso e outras categorias artefactuais, poderá sugerir a primeira hipótese: comunidades que habitariam e circulariam

nos territórios setentrionais relativamente à Serra, por exemplo no Penedo Lexim (localizado a 13 kms para NE da Quinta Velha) ou em Olelas (a 10km para ENE) ou as que tumulariam no *tholos* da Praia das Maças (a 7km para Noroeste), acederiam sazonalmente à Serra, no contexto das sua exploração económico, vivência simbólica ou ambas (não esquecer a presença do *tholos* do Monge lá no alto). A própria indústria lítica parece remeter para esse carácter temporário da ocupação. Se há evidência de algum talhe local de alguns elementos em sílex, a escassa presença de córtex remete para uma fase inicial do talhe fora do sítio, sendo posteriormente trazidos só alguns nódulos, mas também alguns produtos da fase plena de debitagem. A ser assim, a Quinta Velha teria uma natureza diferente da que mais tarde caracterizaria a vizinha Penha Verde, onde quer a arquitectura quer a componente artefactual indiciam outro nível de estabilidade.

Todavia, há que ter alguma cautela nesta apreciação, dada a reduzida área escavada e sobretudo dada a forma como alguns destes sítios habitacionais de vertentes acentuadas em contextos graníticos se podem estruturar. Dada a natureza da topografia, estes habitats tendem a organizar-se não de uma forma muito nuclear, com espaçamentos, por vezes significativos, entre as diferentes unidades, aproveitados as diferentes pequenas rechãs formadas na vertente. Ou seja, podem apresentar uma malha um pouco mais dispersos, com áreas (as de topografia menos favoráveis) intermédias não ocupadas. O aparecimento de fragmentos de cerâmica manual, nomeadamente de um fragmento de copo canelado, no acompanhamento da abertura de valas perimetrais no interior do *chalet*, situado 40m a Sul da área sondada, pode, precisamente, sugerir uma área de ocupação mais ampla e dispersa.

Um bom exemplo desta situação foi identificado no habitat calcolítico da Malhada, em Fornos de Algodres, onde numa vertente granítica de acentuado declive, unidades ocupacionais foram situadas em várias rechãs formadas pelos batólitos de granito a cotas diferentes e separadas entre si por várias dezenas de metros (Valera 2007).

É, todavia, cedo para ter certezas relativamente à Quinta Velha. Só a realização de futuros trabalhos na zona, talvez agora enquadrados num programa de investigação, possam aclarar algumas destas hipóteses. Seguro parece ser, até pela proximidade dos contextos da Penha Verde, que aquela zona terá sido um ponto importante nas estratégias de ocupação da Serra de Sintra ao longo do 3º milénio AC.

## Referências Bibliográficas

AMARO, G. (2008-2009) – Os “copos canelados” vistos desde o século XXI: características, distribuição e novas perspectivas de estudo, *Arqueologia e História*. 60-61: 163-177.  
 AMARO, G. (2010-2011) – Continuidade e evolução nas cerâmicas calcolíticas da Estremadura (um estudo arqueométrico das cerâmicas do Zambujal), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18: 201-233.  
 BARKER, P. (1989) – *Techniques of archaeological excavation*. 2 ed. [1ª Ed. 1977]. London. Batsford Book.

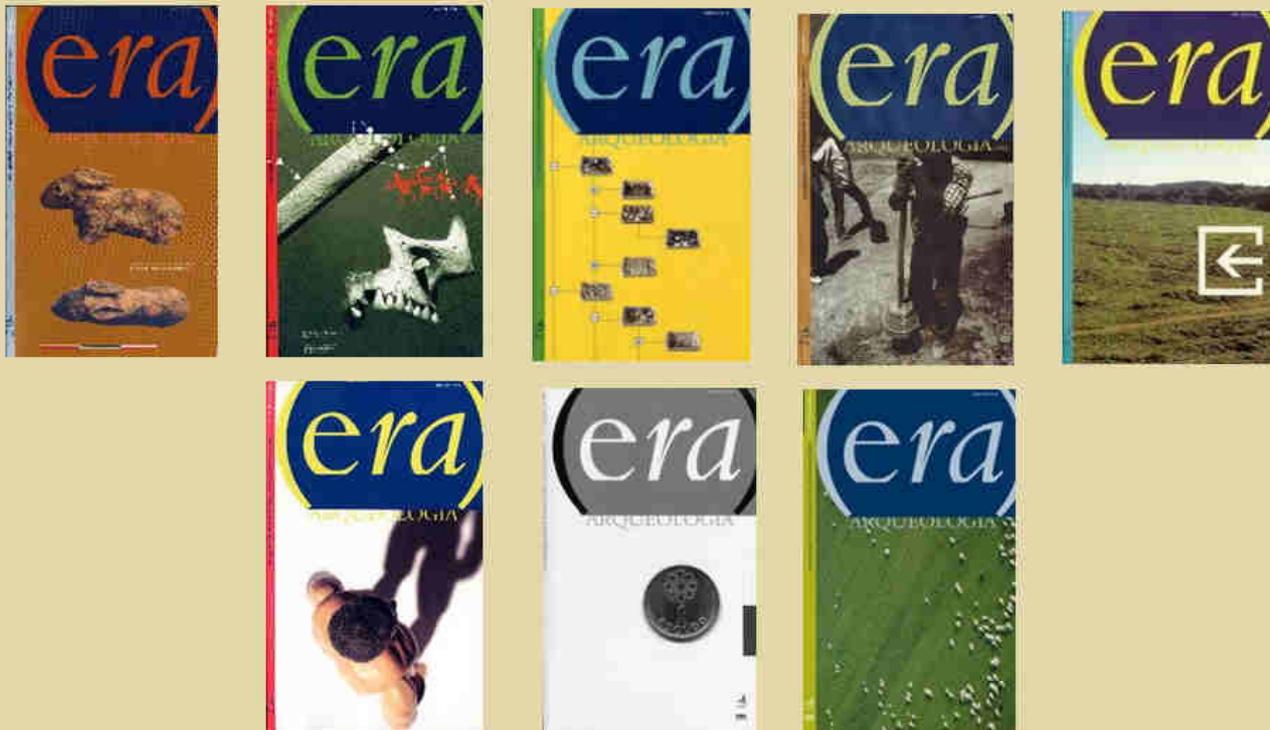
CABANILLES, J. (1990) – A pròposit d'un punyal de retoc en peladures i sílex polit de la Cova del Barranc de l'Infern (Gandia, València), *Archivo de Preistoria Levantina*. 20: 201-222.  
 CARANDINI, A. (1997) – *Historias en la tierra. Manual de excavación arqueológica*. [1ª Ed. 1981]. Barcelona. Editorial Critica.  
 CARDOSO, J.L., (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal): Estudo da coleção do escultor Alvaro de Brée, 1ª parte, *Revista de Guimarães*. 110: 211-304.  
 CARDOSO, J.L. (1995) – Cerâmicas decoradas a pente do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5: 243-249.  
 CARDOSO, J.L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Laceda: as suas características e distribuição estratigráfica, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 14: 9-276.  
 CARDOSO, J.L. (2010-2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6: 257-287.  
 CARDOSO, J. L.; MARTINS, F. (2013), O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, P. 357-524.  
 CARDOSO, J.L.; MARTINS, F. (2018) – Resultados das campanhas de escavações realizadas em 2015 e 2016 no povoado Calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 24; 181-290.  
 CARDOSO, J.L.; SOARES, A.M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura Portuguesa, *Almadán*, II Série. 4: 10-13.  
 CARVALHO, A. F. (1995-1996) – O talhe da pedra e a transição Neolítico-Calcolítico no Centro e Sul de Portugal: tecnologia e aspectos da organização da produção, *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* 3-4: 41-60.  
 CARVALHO, A. F. (1998) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa. Edições Colibri.  
 CARVALHO, A. F. (2008) – *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Promontoria Monográfica. 12. Faro.  
 CLEMENTE-CONTE, I.; MAZZUCCO, N.; SOARES, J. (2014) – Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal), *Trabajos de Prehistoria*. 71(2): 330-342.  
 DINIZ, M. (2007) – *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. *Trabalhos de Arqueologia*. 48. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.  
 FERREIRA, S.D. (2003) – Os copos do povoado Calcolítico de Vila Nova de São Pedro, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6(2): 181-228.  
 FORENBAHER, S. (1999) – *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. BAR. Oxford. Archaeopress.  
 GONÇALVES, J.L. (1982-1983) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar, *Sintra*, I/II: 29-56.  
 GONÇALVES, J.L. (1991) – A cerâmica calcolítica da Estremadura, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. AAP: 215-226.  
 GONÇALVES, J.L. (1997) – O povoado de Olelas (Sintra). Breve notícia sobre materiais e datações, *Set. Arqueológica*. 11-12: 221-223.  
 GONÇALVES, J.L.; SERRÃO, E.C. (1978) – O povoado Calcolítico Inicial do Alto do Dafundo, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Vol.I. Lisboa. AAP: 75-96.  
 GONÇALVES, V.S. (1971) – *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*. Setúbal. Junta Distrital.  
 HARRIS, E. C (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*. [1ª Ed. 1979]. Barcelona. Editorial Critica.  
 KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura Portuguesa, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6: 257-287.

- KUNST, M. (2010-2011) – Zambujal (Torres Vedras), investigações até 2007. Parte 1: sobre a precisão da cronologia absoluta decorrente das investigações na quarta linha da fortificação, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18: 419-466.
- LEISNER, V.; ZBYSZESKI, G.; FERREIRA, O.V. (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Memória dos Serviços Geológicos de Portugal. 16. Lisboa.
- NUKUSHINA, D., MATALOTO, R., COSTEIRA, C., ARAUJO, M.I. (2018) – “Grandes pontas bifaciais” nos povoados de São Pedro (Redondo), In: S. MELRO; S. CORREIA (Eds.), *Atas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa-Aroche: 19-135).
- INIZAN M.-L., RÉDURON-BALLINGER M., ROCHE H., TIXIER J. (1999) – Technology and Terminology of Knapped Stone, *Préhistoire de la Pierre Taillée*, 5. Nanterre. CREP.
- SAVORY, H. (1970) – A section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959), *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. AAP: 135-162.
- SAVORY, H. (1985) – *Espanha e Portugal*. Lisboa. Editorial Verbo.
- SERRÃO, E. C., VICENTE, E. P. (1980) – Lâminas de sílex ovóides e subrectangulares: interpretação funcional. *Trabalhos dos Grupo de Estudos de Arqueológicos do Porto*. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. 4: 7-45.
- SOARES, A.M.; CARDOSO, J.L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 5: 263-276.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal, *Setúbal Arqueológica*. 1: 53-153.
- SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Lisboa. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vol. Policopiado.
- TIXIER, J., INIZAN, M.-L. AND ROCHE, H. (1980) – *Préhistoire de la Pierre Taillée: économie du débitage laminaire*. Paris. Centre National de Recherche Scientifique.
- VALERA, A.C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Braga. CMFA/TA.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caixarias, Vila Nova de Ourém), *Trabalhos de Arqueologia de EAM*. 2: 35-45.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*. Lisboa. Colibri.

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Série ERA Monográfica  
Três volumes publicados



Série Perdigões Monográfica  
Um volume publicado